

100
anos

sindmusi

Jornal

Musical

Órgão Oficial do Sindicato dos Músicos
Profissionais do Estado do Rio de Janeiro

Nº 39 - Edição de Janeiro a Março de 2008

www.sindmusi.org.br
e-mail: sindmusi@sindmusi.org.br

Parceiros Estratégicos CulturaPREV



Parceiros Institucionais



RETROSPECTIVA 2007: centenário do SindMusí deu o tom em um ano de muitas realizações

Pág. 6 e 7



Música nas Escolas aprovada no Senado



Leny Andrade no Dia do Músico



União dos Sindicatos da Cultura



Maestro Alceo Bocchino recebe a Medalha Francisco Braga

Entrevista:



OSCAR BOLÃO fala sobre Luciano Perrone e candidatura à Câmara Municipal



Pág. 3

Veja também...

Fórum de direitos autorais

5

Ministério da Cultura patrocina debates sobre o futuro dos direitos autorais no país

Edição de partituras

9

Musicólogos e maestros resgatam a música de concerto brasileira

DRT na Lapa

9

Fiscais da Delegacia Regional do Trabalho visitam casas noturnas na Lapa



Palavra de Presidente

Deborah Cheyne

Prezados músicos;

Olhar para trás e fazer um breve balanço do ano que passou pode e deve ser saudável, ainda que vitórias não tenham sido uma constante.

As comemorações do Centenário do SindMusi foram memoráveis e dignas de um sindicato que busca cumprir sua tarefa com o máximo de lisura.

O reflexo do nosso trabalho começa pelo aumento significativo do número de associados, começamos a gestão com 581 sócios e terminamos o ano de 2007 com 669 sócios adimplentes. Os números revelam o resultado de um trabalho elaborado internamente, mas realizado das portas e janelas afóra e sempre focado no músico.

Nossa gestão trouxe mudança na conduta o que gerou uma substancial conquista de espaço político, respaldo e respeito externo, credibilidade e confiança de novos parceiros, estímulo e carinho de velhos parceiros e claro, aumento da presença de músicos em nossos cadastros e até mesmo na nossa casa.

Sim, muita novidade para uma senhoril e tradicional casa. Porém, tradição e mesmice não são sinônimas, por isso na ânsia de oxigenar, inovar, reformular uma estrutura tão consolidada e às vezes até mesmo viciada, encontramos barreiras que a princípio não pareciam tão sólidas. Não devemos jamais desdenhar das barreiras, sejam elas internas ou externas. Nossas vitórias foram meu combustível, cri que poderia ousar ainda mais.

Resta-nos ainda um ano de trabalho. Temos ainda muitos projetos a serem realizados e alguns a serem finalizados. Queremos promover uma campanha para piso salarial, realizar cursos de capacitação, seguir nossas incursões no parlamento na busca de amparo legislativo para nossa profissão, consolidar através de projetos a parceria com os outros sindicatos da área cultural, enfim, muito ainda para se fazer em pouco tempo. Vale lembrar que todo esse empenho parte de uma diretoria de músicos atuantes, profissionais que têm seu sustento única e exclusivamente do seu trabalho musical. É enfim no reconhecimento do nosso esforço como dirigentes que temos qualquer tipo de retorno, nada além disso.

Tabela de Cachês para Trabalhos Eventuais

(Valores em Reais - a partir de 19/04/07)

Músicos contratados no Rio de Janeiro receberão cachês estabelecidos na tabela do SindMusi/RJ

CD

Por Período	
Chamada mínima 03 períodos.....	R\$ 540,00
Instrumentista/ Corista/ Ritmista	
por período	R\$ 180,00
Dobra 01 período.....	R\$ 180,00
Solo 10 períodos.....	R\$ 1.800,00
Por Faixa	
Faixa (Instr./ Corista/ Ritmista)	R\$ 540,00
Dobra	R\$ 180,00
Solo	R\$ 1.800,00
Making Of de CD	
Por faixa	R\$ 270,00
Obs: Tempo máximo para gravação de uma faixa 2h30m. Hora excedente ou fração.	
.....	R\$ 180,00

DVD

Por Faixa	R\$ 540,00
Obs: Caso o material gravado para o DVD se converta em CD, deverá ser pago em adicional o valor de tabela para gravação de CD.	

Arranjo

Por arranjo	R\$ 1.270,00
Por Regência	R\$ 1.270,00
Cópias - Garantia mínima	
550 compassos.....	R\$ 250,00
Por compasso	R\$ 0,45

Jingle ou Vinheta

Por Período	
Chamada mínima 02 períodos.....	R\$ 600,00
Peça até 1 minuto período	R\$ 300,00
Dobra	R\$ 300,00
Solo 10 períodos.....	R\$ 3.000,00
Faixa	
Cada faixa.....	R\$ 600,00
Cada Dobra.....	R\$ 300,00
Solo	R\$ 3.000,00
Obs: Tempo máximo para gravação de uma faixa 2h. Hora excedente ou fração.	
.....	R\$ 300,00

Filmes

Trilha sonora para longa metragem ou entretenimento além de 60 min. (onde se desobrigue música ao vivo)	
Por Período	
Trilha para filme nacional	
Chamada mínima 03 períodos.....	R\$ 1.200,00
Período	R\$ 400,00
Trilha para filme internacional	
Chamada mínima 03 períodos.....	R\$ 1.635,00
Período	R\$ 545,00
Obs: Esses valores não incluem lançamento da trilha em CD.	

Normas de gravação

- O tempo de trabalho começa a ser contado a partir do momento em que o músico estiver à disposição do contratante.
- Na gravação por período, o primeiro período é de 60 (sessenta) minutos e os subsequentes, de 45 (quarenta e cinco) minutos.
- Dobra é a execução da mesma partitura com o mesmo instrumento mais que uma vez.
- Cada troca de instrumento corresponde a uma chamada mínima ou faixa.
- Cada nova partitura executada pelo mesmo músico, num mesmo arranjo, corresponde a uma chamada mínima ou faixa.
- Na gravação por período, quando o número de faixas for maior que o nº de períodos, o músico receberá o número de períodos correspondente ao número de faixas gravadas.
- Pout-pourri é o arranjo de mais de uma música com, no máximo, 100 compassos. Ultrapassando este limite, corresponde a novo arranjo e assim subsequentemente.

Tapes Especiais

Teatro/ Historieta/ etc	
Por Período.....	R\$ 180,00

Cachê de Televisão

Chamada mínima de 05 horas.....	R\$ 750,00
Hora Excedente ou fração	R\$ 225,00

Apresentação ao vivo

Acompanhamento de Artistas Nacionais	
Por show.....	R\$ 750,00
Por ensaio (máx. 03 horas)	R\$ 750,00
Hora extra de ensaio	R\$ 250,00

Acompanhamento de Artistas Nacionais no Exterior

Por show.....	R\$ 1.500,00
---------------	--------------

Acompanhamento de Artistas Estrangeiros

Por show.....	R\$ 930,00
Por ensaio (máx. 03 horas)	R\$ 930,00
Hora extra de ensaio	R\$ 310,00

Obs: O valor do show inclui passagem de som (sound-check) de 3 horas. Após este tempo, paga-se hora extra de ensaio.

Concerto Sinfônico, Câmara, Balé, Ópera, Opereta e Congêneres

Orquestra - por Espetáculo	
Spalla	R\$ 570,00
Instrumentista - Cordas/ Sopros	
Percussão/ Outros	R\$ 465,00
Orquestra - por ensaio (máx. 03 horas)	
Spalla	R\$ 465,00
Instrumentista - Cordas/ Sopros	
Percussão/ Outros	R\$ 360,00
Coro - por espetáculo	
Corista	465,00
Coro - por ensaio (máx. 03 horas)	
Corista	210,00
Obs: Será cobrado 20% sobre o valor do período de ensaio para cada hora ou fração de hora excedente.	
Pianista Co-Repetidor	
(por hora de ensaio).....	110,00

Músico acompanhador para aulas de balé, dança e congêneres

Por hora	R\$ 60,00
----------------	-----------

Baile

Por baile.....	R\$ 310,00
----------------	------------

Música ao vivo (ambiente)

Por apresentação	R\$ 310,00
------------------------	------------

Casamentos / Cerimônias religiosas

Por cerimônia.....	R\$ 180,00
Hora/aula	R\$ 60,00

Expediente

SINDMUSI - Sindicato dos Músicos Profissionais do Estado do Rio de Janeiro: Presidente: Deborah Cheyne • Vice-Presidente: Itamar Assiére • Diretor Tesoureiro: Luiz Carlos Hack • Diretor do Trabalho: Leandro Vasques • Diretor Secretário: Antônio Augusto • Diretora do Patrimônio: Ariane Petri • Diretor Administrativo: Álan Magalhães • Diretor Social: Adil Tiscatti • Diretor de Comunicação: Kleber Vogel • Diretor de Informática: Flávio Pereira • Representante I: Carlos Malta • Representante II: Victor Neto • Conselho Fiscal: Carlos Soares, Mauro Ávila e Nayran Pessanha • Suplentes: Anselmo Mazzoni, Fabiano Krieger, Nando Gomes, Jair de Sousa, Fernando Mertino, Laura Rónai, Sonia Katz e Ubiratã Rodrigues • Quadro Funcional: Gerente Administrativa: Natalia Carneiro • Advogados: Helder Silveira e Karen Rocha • Escritório Contratado: José Carlos Qumental • Auxiliares Administrativos: Alex Gomes Freire e Angelica Angelo • Serviços Gerais: Vera Kloczko • Endereço: Rua Álvaro Alvim, 24/405 • Cinelândia • Rio de Janeiro - RJ • CEP: 20031-010 • Tel: (21) 2532-1219 • Fax: (21) 2240-1473 • homepage: www.SindMusi.org.br • email: SindMusi@SindMusi.org.br • Horário de Atendimento: 2ª a 6ª das 10 às 18h. • Delegacia Regional Serrana do SindMusi: Delegado: Álan Magalhães • Jornal Musical: Jornalista responsável: Miguel Sá • Projeto Gráfico e Diagramação: Amarílio Bernard (by3@uol.com.br) • Fotolito e Impressão: Jornal do Comércio • Tiragem: 6.000 exemplares • Circulação: Rio de Janeiro.

“OSCAR BOLÃO: a riqueza da bateria na música brasileira

Além de um dos melhores bateristas e percussionistas de música brasileira, Oscar Bolão é um pesquisador da bateria tocada por aqui. O músico bebeu direto na fonte, nas suas aulas e conversas com Luciano Perrone, um dos melhores bateristas da era pré-bossa nova. A partir daí, o músico está fazendo um documentário sobre Perrone no qual pretende, além de preservar a memória do músico, divulgar a forma de tocar dele, “que é muito brasileira”, ressalta Bolão.

Mas nem só de resgates é feito o som do percussionista do Pife Muderno e professor da Escola Portátil de Música. Com ele, mesmo um pedal duplo de bumbo, que é uma ferramenta típica do rock pesado, se torna percussão de ritmos daqui “É para fazer o surdo de corte das escolas de samba, que é o surdo de terceira. Pode usar também em maracatu, porque a música brasileira é tocada em tambor”, comenta.

Oscar Bolão conversou com o *Jornal Musical* sobre Luciano Perrone, ensino de música popular e sua possível candidatura a vereador no Rio de Janeiro.

Jornal Musical - Você está fazendo pesquisa sobre Luciano Perrone?

Oscar Bolão - Eu tenho um livro publicado, chamado *O Batuque é um Privilégio*, que ensina a percussão e os ritmos do Rio de Janeiro. A segunda parte desse livro é uma homenagem ao Perrone. Faço uma pequena biografia dele e escrevi uma série de exercícios com o jeito dele tocar. Mas, além disso, eu, o Luis Guimarães de Castro e o Alex Araripe estamos fazendo um documentário sobre ele chamado “A batucada Fantástica de Luciano Perrone”. Estamos correndo para acabar o mais rápido possível porque este é o ano do centenário dele.

JM - Ele foi seu professor?

Oscar Bolão - Sim. Foi meu grande amigo e professor

JM - Como conheceu ele?

Oscar Bolão - Fui assistir, por volta de 81, a um show do sexteto do Radamés Gnattali, que foi um show antológico, na antiga Sala Funarte. Eu já tinha tocado com o Chiquinho do Acordeon e pedi a ele para ser apresentado ao Perrone. O Chiquinho me apresentou a ele e a partir daí ficamos amigos. Eu freqüentava a casa dele em São Cristóvão pelo menos duas vezes por semana. Nós conversávamos muito sobre música. Eu tinha uma bateria montada na minha casa, no Leblon. Eu o levava lá para minha casa, ele sentava na bateria e me mostrava umas coisas.

JM - Era muito diferente do que se toca hoje?

Oscar Bolão - Completamente diferente. É outro estilo. Com o advento da bossa nova, mudou a maneira de tocar. A partir

da influência dos grupos de jazz, passou a se tocar mais no prato. Aquele jeito de tocar tudo “no couro”, que até aquele momento se fazia, não só o Luciano, mas o Walfrido Silva, etc. foi deixado para trás. Este é um estilo de tocar absolutamente brasileiro e, se eu morrer, morreu. Eu me preocupei em preservar isso, que é muito nosso e é muito legal. O problema é que, quando chegou a bossa nova, passou a se tocar todo o samba de uma forma só.

JM - Você usa esse jeito pré-bossa nova nas gravações onde você toca?

Oscar Bolão - Com certeza. O pessoal me chama por causa disso. Eu sou um músico carioca. A cultura musical carioca eu domino bem. Me especializei e tenho ensinado isso aos meus alunos na Escola Portátil de Música. Mas falta escola de ensino superior que ensine isso para a rapaziada

JM - Não tem faculdade que ensine música brasileira?

Oscar Bolão - Música popular, não. Eu discuto muito isso por aí. A maioria do pessoal de música popular não tem diploma. É um ensino informal. As salas de aula são as gafieiras e rodas de choro. Eles (as faculdades) não reconhecem o que eu sei, o que aprendi na casa do Perrone, na Mangueira... Como é que vou mostrar diploma de uma escola que não existe? Existe o notório saber, mas estou cansado de tentar provar que eu sei o que sei. O Carlos Malta não pode dar aula, o Hermeto Pascoal não pode... Olha só isso!

JM - Mas já tem um movimento de música popular na Universidade. A Uni-Rio tem um curso de música popular, não?

Oscar Bolão - Está criando... Está ainda se arrastando mas está criando.

JM - Voltando ao Luciano, ele não chegou a gravar discos onde demonstrava este jeito de tocar?

Oscar Bolão - Sim. Dizem que são três, mas eu só conheço dois. Se chama *Batucada Fantástica*. A partir daí é que o nome do filme vai ser *A Batucada Fantástica de Luciano Perrone*. No disco, ele ensina a tocar diversos ritmos não só na bateria como na percussão também. É uma fonte.

JM - Vocês conversavam muito sobre percussão?

Oscar Bolão - Muito, muito...

JM - O que ele achava dessa mudança do jeito de tocar que veio com a bossa nova?

Oscar Bolão - Nunca vi ele falando mal de nada, mas uma coisa que ele conversou comigo é que, com essa influência do jazz, o baterista vem tocando uma levada brasileira e, na hora de improvisar, começa a tocar jazz. Isso é a mesma coisa que eu conversar com você e falar português e inglês ao mesmo tempo. O Perrone é que me alertou para isso. Não é xenofobia. Se temos um negócio bom, por que vamos abandonar isso? Hoje, não se grava mais assim, porque a linguagem comercial já está padronizada. É aquele toque no chimbal, uma cutucada no bumbo no segundo tempo e pronto. Aí às três da tarde vai o pessoal colocar o resto dos instrumentos de percussão. Antes o baterista era o chefe do naipe. O produtor diz que “embola”.



Embola porque se desaprendeu a tocar junto. Antigamente era um microfone só. Entravam trinta caras no estúdio para tocar e, quando você vai ouvir os discos, não tem nada embolado. Está tudo lá. Tem é que saber tocar junto para não embolar.

JM - Você acha que de um tempo pra cá as pessoas têm pegado referências mais brasileiras?

Oscar Bolão - Sim, graças a Deus. Às vezes sou acometido de uma certa melancolia, achando que “a vaca vai pro brejo”, mas chego na escola portátil e vejo uma garotada... Acho que não vai acabar não.

JM - Oscar, você vai se candidatar a vereador?

Oscar Bolão - Eu reclamo das coisas. Reclamo quando toco e não recebo, horários... São 33 anos de carreira, já não suporto mais algumas coisas. O Chico Alencar (deputado federal pelo PSOL) foi assistir a um espetáculo que eu toco. Eu estava reclamando e falei com ele: ‘às vezes até penso em me candidatar a algum cargo’. Ele disse, ‘mas é isso que você tem que fazer’. Um belo dia ele me liga perguntando se ia mesmo. Eu falei que sim. Estou pensando nisso, buscando apoio... Sou pré-candidato sim. Acho importante e gostaria muito que a classe ajudasse como cabo eleitoral. Tem muita gente que se interessa pela causa da cultura, mas é diferente do cara que levou a chicotada e sabe como ela arde.

Shows gratuitos agitam o Dia do Músico na Cinelândia

No Dia do Músico, alguns dos melhores profissionais do Brasil deram um presente para quem estava no centro do Rio de Janeiro

Passar na Cinelândia à tarde e ver músicos como Leny Andrade, Carlos Malta, Léo Ortiz e o sexteto de música instrumental do Corpo de Bombeiros tocarem é algo que não tem preço. E este foi o presente que o SindMusi deu ao carioca no dia 22 de novembro, o Dia do Músico. Outras entidades de classe, como o Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Cinematográfica e Audiovisual (Stic) prestigiaram o evento.

O Dia do Músico foi apoiado por By Brasil; HP Geradores; Riotur; Stic; Sindicato Municipal dos Jornalistas; ARFOC (Associação dos Repórteres Fotográficos e Cinematográficos); Fasp/RJ (Federação das Associações e Sindicatos dos Servidores Públicos no Estado do RJ); Revista Backstage; Sonic Som Instrumentos Musicais, que doou um pandeiro para ser sorteado; Musical Carioca, que fez a doação de um violão também para sorteio, e Bar e Restaurante Vermelho. O baixista Dôdo Ferreira fez a apresentação do evento.

Carlos Malta e Pife Muderno

Após alguns sorteios de brindes fornecidos pelos apoiadores do evento, a presidente do SindMusi Déborah Cheyne subiu ao palco para falar sobre a importância do músico se conscientizar que é um trabalhador, sobre o CulturaPrev e o plano de saúde específico para músicos da Unimed. Logo depois, Dôdo Ferreira chamou Carlos Malta e o Pife Muderno para tocar. Os flautins de



O Pife Muderno mostra a força da música tocada com instrumentos de sopro

Malta e Adréa Ernest Dias empolgaram o público. O Pife Muderno ainda contou com Marcos Suzano e Gabriel Policarpo no pandeiro, Durval ferreira na zabumba e Oscar Bolão na bateria. “Se não fosse o músico esse país já tinha acabado!”, falou Carlos Malta para a platéia emocionada.



O Corpo de Bombeiros também entende de música brasileira: é a banda Jazz Brasil 193

Léo Ortiz Quinteto

Léo tocou standards da MPB, como Na Baixa do Sapateiro, de Ary Barroso, Bye Bye Brasil, de Roberto Menescal e Chico Buarque, e a pouco conhecida música instrumental de Tom Jobim, Surfboard. O violinista faz um trabalho no qual poucos músicos investem no Brasil, que é tocar música popular com o violino. “Eu quero mostrar que o violino é só mais um instrumento. Poucas pessoas o usam na MPB, a não ser como acompanhamento, em orquestras”, comenta Léo. O músico tocou acompanhado por Ivan Machado no baixo, Luiz Carlos Sobral na bateria, Alfredo Machado no violão e Itamar Assiére nos teclados.



Léo Ortiz e a sua banda de craques mostram que o violino também é popular

Leny Andrade

O evento terminou com a primeira-dama do sambajazz, Leny Andrade. Ela cantou clássicos da bossa e do samba, como As Rosas Não Falam e Batida Diferente. Tudo com a ajuda do entrosadíssimo trio formado por Fernando Merlino no Piano, Lúcio Nascimento no Baixo e Erirelton Silva na Bateria. Durante a apresentação, Leny mostrou toda a sua musicalidade nos improvisos em “scat singing”. A cantora não deixou de lembrar o quanto a música brasileira e os músicos do país são exaltados por todo o mundo. No final, os aplausos e o parabéns ao músico brasileiro. E a platéia também agradece.



Leny Andrade é a dama do sambajazz e da bossa nova

Música na praça: Sexteto Jazz Brasil 193

A tarde começou com o som do melhor do repertório da Música Popular Brasileira tocado pelo Sexteto Jazz Brasil 193. Os sargentos músicos do Corpo de Bombeiros apresentaram um repertório precioso, com músicas como a Coisa No. 10, de Moacir Santos, entre outras peças importantes do repertório instrumental brasileiro. O sexteto é integrado pelos sargentos José Maria na guitarra e saxofone, Diógenes no baixo, Levi Chaves na clarineta e no saxofone, Cláudio na bateria e Gustavo Quintella nos teclados. O trompetista Wander, o sexto componente, não pôde comparecer. O sexteto é uma das formações da Banda do Corpo de Bombeiros, fundada há 111 anos por Anacleto de Medeiros. Há formações também para música sinfônica, banda marcial e big band. A corporação tem um total de 140 músicos sob o comando do maestro e oboísta capitão Efraim.

Festa do jazz brasileiro na homenagem a Victor Assis Brasil

O III Fest In Jazz reuniu alguns dos melhores músicos do país na homenagem a Victor Assis Brasil

A obra do saxofonista, compositor e arranjador é muito admirada pelos músicos brasileiros, mas tem poucas oportunidades de ser mostrada ao grande público. Uma delas é o Fest In Jazz, que teve a sua terceira edição realizada no parque Vitor Assis Brasil, na Lagoa, Rio de Janeiro, dia 29 de outubro. O irmão do instrumentista e produtor Paulo Assis Brasil é responsável pela realização do evento. “Este festival surgiu da minha vontade de fazer a música de Victor ser lembrada ‘oficialmente’ pelo menos uma vez por ano. E não há melhor lugar para isso que o lugar que leva o nome dele”, explica o produtor, que realiza o evento por meio de sua empresa, a By Brasil.

O público que lotou o parque teve a oportunidade de ver alguns dos melhores músicos do Brasil tocando belíssimas composições próprias ou de Victor. Cada uma das atrações tocou quatro músicas, sendo uma do saxofonista. Nelson Faria acabou tocando uma inédita do saxofonista. Logo após, se apresentaram o Hamleto Stamato Trio, Saxofonia, Nelson Faria Quinteto, Idriss Boudrioua Quinteto, Orquestra Victor Assis Brasil e o Maestro José Rua.

Victor Assis Brasil

Nascido no Rio de Janeiro em 28 de agosto de 1945, desde bem jovem, no início dos anos 60, o saxofonista começava a mostrar

o seu talento pela cidade, em festas ou eventos escolares. Foi em meados da década de 60 que ele começou a depurar seu estilo, participando das gigs no circuito de bares da bossa nova. Pouco tempo após se tornar músico profissional, em 1966, grava o primeiro disco - já um clássico do jazz brasileiro - chamado Desenhos.

Mesmo já profissional, Victor não deixou de procurar o aperfeiçoamento, tendo aulas com Paulo Moura até participar do Concurso Internacional de Jazz de Viena, na Áustria, onde, após tirar o terceiro lugar, ficou um ano estudando. Como uma coisa leva a outra, ainda na Europa, participa do Festival de Jazz de Berlim. Foi quando

ganhou uma bolsa para uma das melhores escolas de música do mundo, a Berklee, nos EUA, onde pôde desenvolver as aptidões jazzísticas às últimas conseqüências, aprimorando as composições e tocando, também, o sax soprano. Entre o período de estudos europeu e americano, ainda tem tempo de voltar ao Brasil e gravar o LP Trajeto.

Em 1974 retorna definitivamente ao Brasil, tocando em apresentações de música erudita e popular, além de assinar trilhas e continuar gravando discos como o Victor Assis Brasil Quinteto, de 1979, e Pedrinho, de 1980. Victor Assis Brasil faleceu no Rio de Janeiro em 14 de abril de 1981.

Discussão sobre direitos autorais indica mudanças importantes para futuro próximo

Teve início, no dia 5 de dezembro, o Fórum Nacional de Direitos Autorais. O evento pretende, ao longo de 2008, reunir propostas para corrigir distorções no direito autoral do país e adaptar a lei às novas tecnologias.

Sempre que o assunto direito autoral é abordado, a polêmica é certa. Isto por diversos motivos, que vão desde uma lei omissa em diversos aspectos até a desatualização dela em relação aos avanços tecnológicos. A partir daí, o Ministério da Cultura, por meio de sua Coordenação Geral de Direito Autoral e com a colaboração da Funarte, promove o Fórum Nacional de Direitos Autorais.

O seminário “Os Direitos Autorais no Século XXI”, ocorrido no dia 5 de dezembro de 2007, no palácio Gustavo Capanema, no Rio de Janeiro, foi o primeiro dos eventos relacionados ao Fórum. No decorrer de 2008, ainda acontecerão mais cinco seminários sobre o assunto - sendo um deles internacional - e diversas oficinas regionais. A idéia é que, ao final do ciclo de debates, seja feito um novo projeto de lei de direitos autorais com as propostas debatidas.

O evento ocorre em um momento de mudanças por conta das novas tecnologias. Há muita discussão em torno, por exemplo, de novas formas de licenciamento, como o Creative Commons. Há quem acredite que este é o futuro dos direitos autorais. Por outro lado, quem é contra diz que esta é apenas uma forma de prejudicar o autor. Também se fala muito sobre qual seria o papel do Estado na questão, já que, atualmente, pelo menos no caso da música, o compositor acaba ficando nas mãos do ECAD, sem que haja muito para onde correr na hora de se questionar

a eficiência e a lisura no recolhimento dos direitos autorais. Outro ponto sensível da lei é o equilíbrio entre os direitos dos criadores e o dos investidores culturais, que geralmente pende para os últimos.

O evento

O seminário teve três mesas de discussão. A primeira mesa foi “Direitos autorais e acesso à cultura: em busca do equilíbrio”, com os advogados Denis Barbosa, do Instituto Brasileiro de Propriedade Intelectual;

Guilherme Carboni, do Instituto de Direito do Comércio Internacional e Desenvolvimento; e Bruno Lewicki, coordenador editorial da Revista Trimestral do Direito Civil. A segunda foi “A lei e o direito autoral protege, de fato, o autor? Entre a cessão e o licenciamento de direitos”, com os advogados Daniel Campello Queiroz, Nehemias Gueiros Jr. e a vice-presidente da Associação Paulista da Propriedade Intelectual (ASPI), Ivana Crivelli. O dia foi encerrado com a mesa “Gestão coletiva

de direitos autorais: quem ganha, quem perde e qual é o papel do Estado?”, da qual participaram Vanisa Santiago, da Sociedade General de Autores e Editores de Espanha (SGAE); Icaro Martins, presidente da Associação Paulista de Cineastas (Apaci) e Cesar Costa Filho, da Associação Defensora de Direitos Autorais (ADDAF).

Durante as discussões, foram abordados assuntos como retorno do trabalho do criador, domínio público, criação e mercado, tecnologia e direito do autor, práticas abusivas contra os criadores e a necessidade de participação do Estado na regulamentação dos direitos. No encerramento do Fórum, o Ministro Gilberto Gil propôs a criação de uma agência de direito autoral que faria a mediação entre criadores, investidores culturais e outros elementos que atuam na área cultural, no que pode ser considerada a primeira proposta concreta do Fórum.

É bom que os autores fiquem atentos e participem dos seminários, já que eles são uma oportunidade de participação que pode ajudar a corrigir as distorções da lei atual, como destacou o músico Tim Rescala. “Quem vive do direito autoral em que ficar mais consciente das formas de defender os seus direitos. É importante a nossa participação”.

No decorrer do ano, os outros eventos relacionados ao Fórum poderão ser acompanhados ao vivo pelos sites www.funarte.gov.br e www.cultura.gov.br



Mesa de abertura: Celso Frateschi; Carlos Fernando Mathias de Souza;; Gilberto Gil; Marcelo Bicalho Behar e Marcos Souza.

TBS
AUDIO & VIDEO

**ESPECIALIDADE EM
JAZZ & BOSSA NOVA**

**JINGLES - TRILHAS SONORAS
DE FILMES E TEATRO**


**TRANSFORMAÇÃO DE VHS PARA DVD
VINIL PARA CD - FILMAGENS - EDIÇÕES**

**RUA: PEDRO I Nº7 SALA 802
CENTRO - RIO DE JANEIRO**

FONE (21) 2544-0064 97426936

Email toninho@tbs.mus.br
edgq@gmail.com

Gil e a imprensa



Durante entrevista coletiva, Gilberto Gil ressaltou que sempre haverá interesses contrariados. “O processo de construção de marcos legais é assim. A lei produz um corte transversal nos interesses. Alguns vão ser seccionados mais que outros”. Ele ainda chamou atenção para a importância da economia da cultura, levando em conta que o direito autoral também é uma ferramenta de fomento da produção cultural. “É o primeiro item de exportação dos Estados Unidos, o segundo item da balança inglesa e australiana e já é quase 7% do PIB brasileiro, pelo menos em algumas regiões, como o Rio de Janeiro e São Paulo, Não é só uma questão simbólica, mas uma questão de economia”. O Coordenador Geral de Direito Autoral do MinC, Marcos Souza, acompanhou o Ministro durante a coletiva. Ele destacou que, no Brasil, há muitas lacunas sobre o papel do Estado no direito autoral.

Em 2007 o SindMusi colhe os resultados de muito trabalho

Baile do centenário, previdência para músicos, plano de saúde, educação musical na grade curricular brasileira, união dos sindicatos da cultura... Não são poucos os motivos para comemorar o ano de 2007

Previdência para músicos

Quando, ainda em outubro de 2006, foi lançado o plano de divulgação do CulturaPrev, já dava para imaginar que o próximo ano seria especial. Se em 2006 as sementes foram plantadas, em 2007 elas começaram a ser colhidas. Com o novo plano de divulgação, o CulturaPrev se tornou um sucesso. Os músicos do Rio de Janeiro, do jazz ao samba, do clássico ao popular, aderiram em grande número ao plano de previdência privada exclusivo para artistas. Profissionais como o baterista Cláudio Infante, o baixista Arthur Maia, o violonista Yaman-dú Costa, a pianista Maria Tereza Madeira e o cantor e compositor Cláudio Zoli foram alguns dos que aderiram ao CulturaPrev.

A comemoração não é apenas pelo sucesso do plano de previdência para artistas. O CulturaPrev teve ainda várias boas conseqüências indiretas, como o acesso a melhores condições de financiamento da casa própria. A grande adesão ao plano também mostrou que o músico se preocupa mais como futuro profissional, pensando em questões como a aposentadoria. O CulturaPrev ajudou a deixar um pouco mais longe aquela imagem do músico sonhador, que acreditava que o sucesso era eterno e nunca precisaria se preocupar com coisas que eram apenas para “quem trabalha em escritório”. O CulturaPrev é administrado pelo fundo de pensão Petros. As vendas do plano e os seguros contra morte e invalidez ficam por conta da Mongeral.

Projeto FIM-GRM no Centenário SindMusi

Entre as atividades realizadas por conta do centenário do SindMusi esteve o ciclo de palestras sobre o futuro da categoria musical. O evento foi realizado pelo SindMusi, pela Federação Internacional dos Músicos (FIM) e pelo Grupo Regional dos Músicos (GRM) no Memorial Getúlio Vargas, em abril. Foram três dias de palestras, discussões e troca de informação entre sindicalistas de música de todo o país.

Baile do Centenário

Quantas categorias profissionais do país têm um sindicato que chegou aos cem anos? Os músicos do Rio de Janeiro são dos poucos que têm este privilégio, plenamente festejado no Baile do Centenário, realizado em 4 de maio de 2007.



A Orquestra Tabajara animou a festa do centenário do SindMusi

Na entrada do baile, foram distribuídos brindes da Petros, apoiador da festa e parceiro do Sindicato no CulturaPrev, e a Revista do Centenário, com um histórico dos 100 anos de atividades do SindMusi. O som da Orquestra Tabajara não deixou ninguém ficar parado e a homenagem ao Maestro Alceo Bocchino, que recebeu a Medalha Francisco Braga, foi o ponto alto da noite.

O vereador Eliomar Coelho entregou à presidente do SindMusi, Déborah Cheyne, a Moção de Congratulações concedida pela Câmara Municipal da cidade do Rio de Janeiro ao SindMusi pela passagem do centenário.

A festa traçou um perfil do que o SindMusi representa hoje para a categoria e para o país. Compareceram representantes das esferas políticas municipal, estadual e federal; representantes de outros sindicatos; empresários; parceiros institucionais; sócios e ex-presidentes, além de músicos que acompanham a atuação da entidade.

SindMusi apóia projetos sociais e faz doações

O SindMusi procura apoiar projetos sociais ligados à música, além de fazer doações de instrumentos e apoiar músicos necessitados. Para isto conta com o apoio de associados e lojas de música, como a Sonic Som e a Musical Carioca, que doaram instrumentos para as ações sociais.

Um bom exemplo é a doação de um violino e acessórios feito ao projeto “Com a Corda Toda”, dirigido por Suray Soren. A doação ocorreu durante a apresentação semestral que é feita pelos alunos na sede do curso, na 1ª Igreja Batista de Botafogo. O SindMusi foi representado pela diretora de patrimônio Ariane Petri e pelo integrante do conselho fiscal Carlos Soares. O SindMusi também intermediou a doação de um clarinete para a estudante Nathalia Barbosa. A loja Musical Carioca fez a doação. O instrumento foi entregue por Carlos

Soares, que deu as explicações básicas sobre a montagem do clarinete.

Vale destacar ainda doações de medicamentos para músicos, doações de equipamentos e apoio ao Centro de Ópera Popular de Acari e também ao projeto da OSB Concertos para a Juventude, entre diversas outras ações.

III Congresso da CGTB/Rio

Em 2007, o SindMusi se filiou à Central Geral dos Trabalhadores do Brasil (CGTB) por acreditar que esta era a central sindical que tinha mais afinidades com os projetos do SindMusi, principalmente. O SindMusi teve atuação destacada no III Congresso Regional da CGTB, que reorganizou a entidade no estado do Rio no mês de setembro. O SindMusi é representado na diretoria da CGTB por Déborah Cheyne. Ela ocupa a 3ª vice-presidência da CGTB-Rio.

A CGTB do Rio de Janeiro já tem 16 sindicatos filiados.

União dos sindicatos da cultura

Este ano, pela primeira vez, sindicatos ligados à cultura e comunicação se reúnem em torno de um objetivo comum: chamar atenção para as condições sob as quais os profissionais da área trabalham. Isto foi feito comemorando o Dia Nacional da Cultura no dia 13 de novembro.

O evento, batizado “Um Rio de Cultura”, quis lembrar para a população em geral a importância do trabalhador da cultura, seja o artista, seja quem trabalha nos bastidores. Participaram da organização do evento o Sindicato dos Artistas e Técnicos em Diversão do Estado do Rio de Janeiro (Sated/RJ), o Sindicato dos Profissionais da Dança do Rio de Janeiro (SPDRJ) e o Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Cinematográficas (Stic). A chegada do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Município do Rio de Janeiro (SJPMRJ) e do Sindicato dos Radialistas do Estado do Rio de Janeiro também trouxe uma nova dimensão para a comemoração. Esta colaboração entre os sindicatos deve trazer mais força para as categorias envolvidas para fazer as suas reivindicações.

Entre as 14 e as 22 horas o público pôde acompanhar shows do Sexteto Jazz Brasil 193, de Chico Salles e o Grupo Chabocão, da companhia de dança de Carlinhos de Jesus, grupos circenses, balés e da companhia de dança de Jaime Arôxa. O evento contou com o apoio institucional da UNISUAM, da Rádio MEC, da Câmara Municipal de Vereadores, da Cedae, Riotur, OMB/RJ, Naymar Equipamentos, Metrô Rio e Secretaria de Cultura do Estado do Rio de Janeiro.



Benoit Machuel (FIM), Déborah Cheyne (SindMusi) e Rolando Santos (GRM) organizaram ciclo de palestras sobre o futuro da categoria musical

Presidente do SindMusi em congresso na China

A presidente do SindMusi, Déborah Cheyne, representou a FIM no Segundo fórum Mundial de Música. No Fórum, promovido pelo International Music Council (IMC) e apoiado pela Associação Chinesa de Músicos, aconteceram quatro painéis de debates. Déborah Cheyne participou do painel A Música em Desenvolvimento. A representante da FIM falou sobre os projetos de inclusão social no Brasil que utilizam a música e sua importância no resgate da identidade de comunidades no Brasil.



Déborah Cheyne representou a Federação Internacional dos Músicos (FIM) em Beijim.

Dia do Músico

Quem estava na Cinelândia, no Dia do Músico, pôde ver gente como Leny Andrade, Carlos Malta, Léo Ortiz e o sexteto de música instrumental do Corpo de Bombeiros mostrando todo o talento. Foram mais de cinco horas com o melhor da música brasileira de graça, em praça pública.

O Dia do Músico foi apoiado por By Brasil; HP Geradores; Riotur; Stic; Sindicato Municipal dos Jornalistas; ARFOC; Fasp/RJ (Federação das Associações e Sindicatos dos Servidores Públicos no Estado do RJ); Revista Backstage; Sonic Som Instrumentos Musicais, que doou um pandeiro para ser sorteado; Musical Carioca, que fez a doação de um violão também para sorteio, e Bar e Restaurante Vermelho.



O Pife Moderno levantou o público no Dia do Músico

Atuação nacional: educação musical na grade curricular e isenção fiscal para instrumentos musicais importados

Não é por ser um sindicato de atuação estadual que o SindMusi deixa de atuar em questões nacionais importantes. Estas ações se dão por meio do Grupo de Articulação Parlamentar Pró Música (GAP), coordenado pelo músico Felipe Radicetti. Também neste terreno a categoria vêm colecionando êxitos. Um deles é a aprovação no Senado do projeto de lei que traz a música de volta à grade curricular das escolas brasileiras.

A batalha começou em 2006. A mobilização foi iniciada com a inclusão da Música na Subcomissão Permanente de Cinema, teatro e Comunicação Social da Comissão de Educação do Senado. Para discutir a volta da música nas escolas foi criado um grupo de trabalho com entidades representativas do setor musical, como a Associação Brasileira de Educação Musical (ABEM), a Associação Nacional de Pesquisa e

Pós-Graduação em música (ANPOMM), a International Society for Music Education (ISME), o Núcleo Independente de Música (NIM), o Grupo de Ação Parlamentar Pró Música (GAP) e o SindMusi. Entre outras coisas, este grupo foi o responsável por identificar os gargalos que impedem a educação musical nas escolas.



Felipe Radicetti, coordenador do GAP, ajudou a aprovar a volta da música no currículo escolar

O resultado da mobilização foi a criação do Projeto de Lei 330/2006, da senadora Roseana Sarney. O Projeto de lei foi votado no Senado e aprovado no dia 4 de dezembro de 2007. Para Felipe Radicetti, este foi apenas o primeiro passo. O próximo estágio é aprovar o PL na Câmara dos Deputados. O ano de 2008 também deve ser dedicado ao conteúdo programático do ensino musical.

O SindMusi também apóia o PEC da música. Uma proposta de emenda constitucional do deputado Otávio Leite (PSDB/RL) que altera o artigo de forma que obras desenvolvidas por artistas e compositores brasileiros tenham imunidade fiscal. No dia 12 de dezembro foi instalada, na Câmara dos Deputados, em Brasília, a Comissão Especial de Fonogramas e Videofonogramas Musicais que vai analisar a proposta.

Com relação ao projeto de lei que concede isenção fiscal aos instrumentos musicais importados, já houve a audiência pública. Foram feitos alguns aperfeiçoamentos no texto do PL e, em breve, ele deve ser encaminhado para aprovação no Senado.

Fique atento e mantenha-se informado sobre a data de votação no site do SindMusi (www.sindmusi.org.br).

Convênios

Centro de Saúde Veiga de Almeida
Este é outro importante convênio fechado na área de saúde pelo SindMusi. O Centro oferece serviços de odontologia, psicologia, fisioterapia, fonoaudiologia e nutrição a preços bem abaixo do mercado. Em cima disso, os associados do SindMusi ainda têm um desconto de 20%.



O SindMusi fez convênio com o centro médico da Universidade Veiga de Almeida

Unimed - O SindMusi fechou acordo com a Unimed para oferecer um plano de saúde de qualidade exclusivo para os músicos associados. Os preços chegam a ser 40% abaixo do mercado. Há seis faixas de preço para que o músico possa escolher em qual se encaixa melhor.

Integrartes (Teresópolis) - Os associados da região serrana têm acesso ao curso de reciclagem para músicos profissionais do Integrartes. O desconto na mensalidade chega a 70% para o associado, além de 10% de desconto em qualquer um dos outros cursos de música da escola.

Instituto Cultural Tecnologia e Arte (Tecnarte) - O SindMusi fechou nova parceria com o Instituto Cultural Tecnologia e Arte. Os sócios em dia do SindMusi terão descontos de 10% em cursos do Instituto. O primeiro deles foi o Curso de Elaboração de Projetos e Captação de Patrocínios Público e Privado, ministrado por Silvana Monteiro Moura da Costa, especialista em planejamento, elaboração e gestão de projetos sociais e consultoria organizacional. Fique atento aos novos cursos.

Revista Backstage - O músico precisa estar bem informado sobre o que acontece na área de tecnologia e produção musical. Para isto, o SindMusi fechou convênio com Revista Backstage. Os associados têm descontos na assinatura e na compra de livros de tecnologia musical da Editora H.Sheldon.

Second Language - O músico precisa saber não só o inglês como outras línguas para conseguir atuar em um mercado de trabalho cada vez mais difícil. O curso Second Language oferece 25% de desconto para os associados do SindMusi.

BACKSTAGE

15 Anos

BANCAS • LOJAS • ASSINATURAS

Conteúdo profissional sobre produção musical

www.backstage.com.br

Sempre apoiando o músico



Festival de rock cria espaço para divulgação de trabalhos em Teresópolis

Apresentação de novas bandas e de artistas consagrados ajuda a movimentar a cena musical na cidade

Quem chegava ao teatro do antigo hotel Higino, em Teresópolis, logo via um movimento diferente. Boa parte da galera jovem da cidade estava lá para participar, tocando ou assistindo, do Casarão Rock-Fest, promovido pela Casarão Produções. O Festival reuniu as bandas locais e ainda teve apresentações de bandas que estão há algum tempo na estrada, como a Hangar, trabalho próprio do baterista Aquiles Priester, da banda de hard rock Angra. Grupos de outras áreas, como a Radar 021, de São João do Meriti, na baixada fluminense, também foram convidadas a participar do evento.

O festival

O Casarão RockFest aconteceu nos dias 23 e 24 de novembro. No primeiro dia, tocaram as concorrentes Sord 152, Zell, Sob Controle, Ana Zélia, Gravizeiro e Ultimato. No segundo dia, foi a vez de

Nove Erros, Flight, Sonhora, Shadow Dale, Stone in the Head e Zelda Scoth. Também tocaram as bandas convidadas Hope e Mobile Drink, além da Hangar encerrando o Festival.

Leandro Leite e Viviane Albacete são os sócios que mantêm a Casarão Produções, uma produtora de áudio e vídeo - com estúdios e equipamentos próprios - intimamente ligada à música. Produzindo este tipo de evento, eles pretendem movimentar o mercado musical local. Além disso, a produtora mantém um projeto social chamado CRIAM, no qual ensinam crianças carentes a tocar e trabalhar com a parte tecnológica da música. “O Casarão tem um pouco de coopertiva. Temos aqui de técnicos de som a professores de música. Quando fazemos um evento como este, queremos que o garoto goste de música e vá estudar”, afirma Leandro Leite.

Os ganhadores foram, em primeiro, segundo e terceiro lugar, as bandas Flight, Shadow Dale e Ana Zélia. A primeira ganhou uma gravação de DVD profissional, a segunda ganhou a gravação de um DVD “Week Show” e a terceira, a gravação de um videoclip.

Esperança

Entre os participantes, há os que estão pensando apenas no “roquenrol”, mas também, há vários músicos profissionais em potencial que, de uma forma ou de outra, querem seguir carreira, seja como banda, seja como músico freelancer. A banda Ultimato tem cinco integrantes, todos com menos de 20 anos. Eles estudam teoria musical e se conheceram no Integrartes, uma das escolas de música de Teresópolis. “Música é uma carreira



A banda Radar 21 foi uma das convidadas do festival

complicada. Não tem salário, tem que estudar muito”, diz o guitarrista Wallace de Azevedo, já consciente das dificuldades da profissão mas convicto do caminho que deve seguir.

De qualquer forma, o caminho da música é árduo, como explica Aquiles Priester. “Muita gente não vê o músico como profissional. Ou você faz sucesso, ou vive à margem, mas é uma profissão como qualquer outra. Tem que ter o diferencial”, ressalta o bem sucedido baterista da banda Angra.

Instituto Tecnoarte promove evento musical em Guapimirim

SindMusi apoiou a apresentação dos jovens talentos. O objetivo é incentivar a profissionalização dos músicos no interior do estado do Rio de Janeiro

A expectativa era grande no galpão do Instituto Tecnoarte, em Guapimirim, no dia 30 de novembro. O professor e coordenador da área de ensino de música do Instituto, Ronaldo Carvalho, ajudava os alunos a passar o som enquanto os espectadores esperavam ansiosamente pelo início das apresentações. Estava prestes a começar a Jam Session do Projeto Boa Música.

Projetos sociais

Recebendo os convidados nas mesas estava a presidente do Tecnoarte, Maria Emília Nascimento, que participa da iniciativa desde 1998, quando a entidade foi fundada no Rio de Janeiro por funcionários da Funarte. A idéia era apoiar e fazer projetos culturais próprios. Porém, Maria Emília - que mudou-se para Guapimirim há cerca de dois anos - já tinha vontade de ter uma atuação mais direta com a comunidade. “Eu já sentia a necessidade de fazer um trabalho social. Quando vim morar em Guapimirim comecei a achar que eu fazia parte da cidade. Acabei de receber o título de cidadã de Guapi e isto faz com que as pessoas acreditem que o nosso trabalho veio para ficar”, comenta Maria Emília.



Fernando Baltazar, Maria Emília, Ronaldo Carvalho e Lú Guarilha ajudaram a realizar o evento

Entre as atividades mantidas pelo Instituto, há uma oficina de leitura, do qual participam 80 crianças entre 7 e 14 anos; aulas de informática, que ajudam a promover a inclusão digital, e aulas de capoeira. “Temos também o Ronaldo Carvalho que dá aulas de música que são gratuitas para a maioria dos alunos”, acrescenta a presidente do Tecnoarte.

Ex-aluno do Instituto Villa-Lobos e do professor Clóvis Timóteo Guimarães, o músico Ronaldo Carvalho é o grande incentivador do Projeto Boa Música. “Gua-

pimirim já é uma cidade musical, por isso se tornou urgente viabilizar estes talentos. Maria Emília apareceu em Guapi, “peitou” as dificuldades e resolveu alugar este espaço implantando o Tecnoarte. Os talentos estão aí, as aulas começaram a fluir e há bastante evolução dos alunos”, exultou o professor.

Apoios

O SindMusi foi um dos apoiadores do evento e tem um convênio com o Instituto Tecnoarte. O Instituto Integrartes, de Teresópolis, e a TV Guapi também apoiaram a Jam Session. Alan Magalhães explica que o SindMusi apóia o Tecnoarte para aumentar a presença do Sindicato no interior. “Também tem a questão da educação musical. Tanto o Tecnoarte como o Integrartes (que também tem convênio com o SindMusi) fomentam a educação musical, e isto é importante para nós. Além disso, estas iniciativas ampliam o mercado de trabalho para os músicos nas áreas de shows e de ensino”, finaliza Alan.

Para Lú Guarilha, tecladista e educador musical que dirige o Integrartes, é importante que as escolas de música do interior

se unam. “Temos um papel fundamental de trabalhar com formação profissional em arte em uma cidade pequena. Estamos quebrando um paradigma nessas cidades. Queremos mostrar que viver de arte é difícil como qualquer outra profissão hoje em dia. Então porque não viver de algo que você gosta?”. Segundo ele, o apoio à Jam Session pode ser a primeira de várias atividades que o Integrartes e o Tecnoarte podem desenvolver juntos.

Fernando Baltazar é o diretor da TV por internet Guapi TV. “A parceria com o Tecnoarte surgiu antes da Guapi TV. Há mais de dois anos dou apoio ao Tecnoarte em forma de consultoria. A função da Guapi TV é mostrar o que é bom para Guapimirim”, comenta o jornalista.

Maria Emília confia no futuro destas parcerias. “O SindMusi, o Integrartes e a GuapiTV são parceiros que vão nos ajudar muito e agregar credibilidade”.

Festa

No final do evento, aconteceu uma grande festa musical. Depois das apresentações, os músicos presentes subiram no palco e cantaram sucessos da MPB mostrando o quanto a música pode fazer por uma cidade, um bairro ou qualquer comunidade.

Parece mágica, mas é puro trabalho. A recuperação da memória musical brasileira através da edição de partituras

Musicólogos e maestros ajudam a recuperar a música de concerto tocada no Brasil

Para o grande público, música brasileira é sinônimo de samba, choro e bossa nova: gêneros musicais populares criados ou consolidados no século XX, principalmente no Rio de Janeiro. No entanto, o universo musical brasileiro é mais vasto e mais antigo. Inclusive no que diz respeito à música de concerto.

Desde a colonização da América já se fazia partituras. No entanto, se na América Espanhola não é difícil encontrar partituras desta época, no Brasil é difícil encontrar algo de antes de 1750. Em compensação há bastante material disponível daí em diante. Em cima dele, há alguns projetos de recuperação que seguem sob a responsabilidade dos poucos profissionais no país que trabalham com isto. Entre eles, estão o pesquisador de musicologia histórica, regente de coral, professor da Uni-Rio e da Pró-Arte Carlos Alberto Figueiredo, o pesquisador André Guerra Cotta, que coordena o Acervo Curt Lange-UFMG, e o maestro Ricardo Rocha.

Carlos Alberto e André trabalharam - entre outros projetos - no Projeto Acervo da Música Brasileira - Restauração e Difusão de Partituras, do Museu da Música de Mariana, coordenado pelo professor da Unesp Paulo Castagna. Ricardo Rocha também coordenou diversos projetos de recuperação de partituras desde a época colonial até autores mais contemporâneos. Entre 1989 e 2000 criou e dirigiu o ciclo "Brasilanische Musik im Konzert", na Alemanha, para a difusão da Música Sinfônica do Brasil com apoio da Funarte e da Academia Brasileira de Música.

Edição de partitura

Uma das partes essenciais deste tipo de projeto é a edição das partituras. Em primeiro lugar, convém não confundir edição com editoração, como explica Carlos Alberto Figueiredo. "Editoração é o que se faz no Finale (programa de computador que ajuda a escrever partituras), que é copiar, colar e escrever. A edição envolve uma reflexão sobre aquele texto musical", explica. Esta reflexão envolve, segundo André Guerra Cotta, a identificação de fontes primárias (partituras originais), o estudo destas fontes, a atualização da notação musical, correções na harmonia e uniformizações na dinâmica, entre outras coisas.



O pesquisador André Guerra Cotta atualmente coordena o Acervo Curt Lange-UFMG

O trabalho começa com o manuscrito original. Se estiver em mau estado de conservação, o trabalho pode ser bastante prejudicado. Neste caso, entra também o trabalho de bibliotecários e arquivistas que fazem a recuperação física do documento. Depois, os pesquisadores envolvidos no trabalho começam a trabalhar, efetivamente, na edição. "Todo o material dos séculos XVIII e XIX está em partes. Nós colocamos tudo em grades", expõe Carlos Alberto. Neste estágio, há vários problemas que podem acontecer. Desde a falta de uma parte do violino 2, por exemplo, até uma parte de flauta que, apesar de completa, está alguns compassos defasada em relação ao violino. "Neste caso, ou nós não editamos ou optamos por fazer uma reconstituição", coloca o pesquisador.

A reconstituição musical é um trabalho extremamente complexo. Ela é feita de acordo com o estilo do compositor e a harmonia usada na época. O Baixo Contínuo, por exemplo, é usado como referência para montar "acordes" de forma que a parte de algum instrumento que esteja faltando seja reconstituída, sempre levando em conta a estrutura harmônica usada na época de composição da partitura.



O maestro Ricardo Rocha já coordenou diversos projetos de edição de partituras antigas



Carlos Alberto Figueiredo ressalta a importância de que as partituras restauradas sejam tocadas

Há ainda outros "truques" que são usados nessa reconstituição. "Também sabemos que o violino 1 caminha com o registro soprano e o violino 2 com o contralto, mas nada garante que a reconstituição seja igual", destaca Carlos Alberto. Todas estas intervenções são devidamente colocadas em uma tabela onde é destacada a situação da partitura original e o local onde elas foram feitas.

O maestro Ricardo Rocha também chama atenção para o desafio que é este momento do trabalho. "Os erros pululam e precisam ser corrigidos, o que toma muito tempo. Problemas de interpretação também são muito comuns, como, por exemplo, que tipo de latim usar, andamentos originais e, por fim, todo o trabalho de contextualização da obra".

Difusão das obras

É importante ressaltar que estes projetos não só recuperam o material como têm a preocupação de difundir o conteúdo deles, seja por meio da gravação das músicas e sua comercialização em CD ou pela disponibilização das partituras pela Internet ou em livros. Isto ajuda a mostrar a formação da identidade musical brasileira e divulgar a música de concerto feita por aqui. "Nós possuímos uma literatura musical vastíssima, com peças que vão do instrumento solo à grande orquestra sinfônica, em um volume capaz de dar fôlego novo à indústria fonográfica internacional. Uma vez descoberta e exportada, nossa música de concerto pode simplesmente promover um boom internacional", exemplifica o maestro Ricardo Rocha.

Já o trabalho feito em Mariana recebeu o prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade, na categoria Inventários de Acervos e Pesquisas, concedido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Foram descobertas obras inéditas de compositores como Francisco Manuel da Silva, Emílio Soares de Gouveia Horta e Jerônimo de Sousa Queirós, além de

várias obras de anônimos. "Fazer a música soar hoje é o mais importante. Não é só guardar, é possibilitar que as pessoas executem as obras", ressalta Carlos Alberto Figueiredo. No site do Museu da Música de Mariana (www.mmmariana.com.br), é possível baixar as partituras recuperadas durante o projeto.

Para Carlos Alberto, uma das maiores dificuldades deste tipo de trabalho no Brasil é a falta de profissionais especializados. André Guerra Cotta coloca a importância de se conscientizar as pessoas respeito da importância deste acervo. Ele conta que, por ignorância, muita coisa já foi jogada fora como papel velho. O projeto, encerrado em 2003, foi uma realização da Fundação Cultural e Educacional da Arquidiocese de Mariana com o patrocínio da Petrobras e sob a coordenação do Santa Rosa Bureau Cultural.

Imposto sindical é mantido pelo Congresso Nacional

O Projeto de Lei da Câmara 88/07, que regulamenta a atuação das centrais sindicais e trata da contribuição sindical, foi aprovado em plenário no Senado sem precisar passar pelas comissões. O Senado aprovou o texto no qual é mantido o imposto sindical e são regularizadas as Centrais Sindicais.

Quanto à contribuição deste ano, os músicos receberão, em casa, um boleto para pagar a contribuição sindical e a anuidade de sócio (para quem é sócio). Os que pagarem até o dia 28 de fevereiro, o valor é o mesmo do ano passado, de R\$81,13 para a contribuição sindical e de R\$55,00 para a anuidade.

A posição do SindMusi

Um dos motivos pelo qual o SindMusi se filiou à CGTB é a defesa que a Central faz da contribuição sindical. Durante a crise do Imposto Sindical, o SindMusi manifestou seu posicionamento contrário à emenda proposta ao Projeto de Lei da Câmara 88/07 que regulamenta as centrais sindicais no Brasil. A emenda previa a extinção da Contribuição Sindical Compulsória, o que representa um verdadeiro golpe ao movimento sindical brasileiro.

Um dos argumentos dos defensores da supressão da Contribuição Sindical Compulsória é que, desta forma, se combateria o “peleguismo” e os chamados “Sindicatos de Fachada”, que sobrevivem da arrecadação da Contribuição Sindical sem a devida atuação em defesa da classe trabalhadora. De fato estes sindicatos existem e atrapalham, mas há muitos sindicatos sérios e atuantes que dependem dessa arrecadação para continuar existindo e trabalhando em defesa dos interesses de suas categorias profissionais. Neste caso se enquadram a maioria dos sindicatos de trabalhadores da cultura.

No entanto, propomos a revisão e o aprimoramento dos mecanismos de controle por parte do Ministério do Trabalho no ato do registro dos sindicatos para coibir a criação de sindicatos fajutos. Desta forma, o trabalhador teria a sua representatividade assegurada e os pequenos sindicatos não seriam prejudicados pela falta de recursos.

Fazendo a nossa parte

Além de apoiar a atuação do Grupo de Ação Parlamentar (GAP), o SindMusi também tem outras ações no campo da educação musical. Vale destacar o sucesso da parceria com o Integrartes, de Teresópolis. O objetivo do convênio é apoiar o músico que quer aprimorar seus conhecimentos musicais.

Também em Teresópolis

Seguindo com a estratégia de ampliar a atuação no interior do Estado do Rio de Janeiro, o Sindicato foi eleito, em 2007, representante da sociedade civil no Conselho da Cidade e Desenvolvimento Sustentável de Teresópolis.

Atenção bateristas!

A partir de abril, Daniel Batera e convidados fazem workshops no Teatro do Sesi, no centro do Rio de Janeiro. Mais informações no site www.danielbatera.com.br

Atenção músicos que querem fazer projetos culturais!

Também em abril, a produtora cultural Denise Grimming, com 30 anos de experiência no mercado cultural, faz workshop sobre gestão de projetos culturais. O objetivo é preparar os alunos para construir projetos viáveis e corretos do ponto de vista legal. O evento será promovido pelo SindMusi. Mais informações sobre o workshop no site www.sindmusi.org.br ou pelo telefone (21) 2532-1219, com Natália.

E ainda...

Aguarde mais informações sobre eventos promovidos pelo SindMusi, como o lançamento do guia dos músicos e palestras de José Domingos Rafaelli sobre a história do jazz. Mais informações sobre o workshop no site www.sindmusi.org.br ou pelo telefone (21) 2532-1219, com Natália.

Novos sócios remidos são homenageados no SindMusi

Emoção e reconhecimento foram a tônica da cerimônia de homenagem aos sócios remidos de 2007. Este ano foi a vez do acordeonista Clelito, do baterista e percussionista Mário Negrão e do cantor lírico Belchior dos Santos receberem a homenagem na sede do SindMusi. O evento aconteceu em 10 de dezembro. As cantora Leny Andrade e Zélia Bastos também se tornaram sócias remidas em 2007, mas não puderam comparecer.



Na cerimônia, foram diplomados os sócios remidos que receberam também uma escultura personalizada do artista plástico Abdiá de Sá, especialmente confeccionada para a ocasião. Em breves discursos, os músicos destacaram a importância da categoria ter o seu sindicato. A presidente do SindMusi, Déborah Cheyne, ressaltou que a homenagem é o reconhecimento por parte do Sindicato dos profissionais que, durante 35 anos, ajudaram o SindMusi a cumprir seu papel.

Obituário

Willians Pereira

O violonista, arranjador e professor Willians Pereira nasceu no Rio de Janeiro em 24 de maio de 1968. começou a tocar profissionalmente em 1989, tendo atuado com músicos e artistas como Dóris Monteiro, Guinga, Yuri Popoff e Mariana Leporace. Um dos seus trabalhos mais importantes foi o Trio Taluá. O violonista tinha trabalho solo e era também professor de música.

Willians faleceu no dia 2 de dezembro de 2007, em Recife, vitimado por um acidente de ultraleve.

Márcio Montarroyos

O trompetista nasceu no dia 8 de julho de 1948, no Rio de Janeiro. Antes de ser trompetista, estudou piano clássico. No fim dos anos 60 fez parte do grupo A Turma da pilantragem. Nos anos 70 foi estudar jazz na Berklee School of Music, nos Estados Unidos. No Brasil e no exterior, participou de vários trabalhos acompanhando músicos e artistas como Stevie Wonder, Sarah Vaughan, Nancy Wilson, Carlos Santana, Ella Fitzgerald, Sergio Mendes, Hermeto Pascoal, Egberto Gismonti, Milton Nascimento, Tom Jobim e muitos outros.

Márcio lançou oito discos solo, como o CD Márcio Montarroyos, gravado em 1995.

O músico morreu de câncer, em 12 de dezembro de 2007.

Paschoal Perrota

Violinista - Nasceu em 20 de maio de 1926 e faleceu em 22 de novembro de 2007. O violinista também atuou como arregimentador em discos de vários artistas importantes no cenário musical brasileiro, como Ney Matogrosso, Chico Buarque e Caetano Veloso, entre muitos outros.

Wagner Naegele

Trombonista - Nasceu em 25 de janeiro de 1926 e faleceu em 22 de novembro de 2007.

Araken Peixoto

Irmão de Cauby Peixoto, o trompetista atuou nas noites cariocas e paulistas em casas como Baiúca, Drink's, Au Bom Gourmet e Trianon. O músico, que era diabético faleceu aos 77 anos, no Rio de Janeiro.

Delegacia regional do Trabalho fiscaliza casas noturnas da Lapa

Cinco auditores fiscais da DRT visitaram casas noturnas da Lapa para verificar irregularidades na contratação de funcionários, inclusive dos músicos. O SindMusí acompanhou a fiscalização

Sexta-feira, dia 9 de novembro. Acompanhados do diretor administrativo do SindMusí, cinco auditores fiscais da Delegacia Regional do Trabalho se reúnem no bairro da Lapa, centro do Rio de Janeiro. A intenção é fiscalizar a situação dos funcionários de casas de shows do bairro, incluindo aí os músicos que tocam nelas. O objetivo é promover a formalidade no trabalho.

A Delegacia Regional do Trabalho aproveitou a ocasião para fazer uma verificação física dos estabelecimentos. Nesta verificação, os auditores fiscais anotam os nomes dos funcionários presentes, verificam o livro de registros dos empregados, o quadro de horários, recibos de pagamentos e as notas contratuais. Após a verificação, caso seja necessário, é entregue uma notificação para o empregador.

Por que fiscalizar?

No caso dos profissionais da música esta é uma operação especialmente difícil, já que há uma mentalidade disseminada de que música não é profissão. Com raras exceções, a contratação de um músico na noite é feita de modo totalmente informal. Isto apesar de a profissão ser regulamentada desde 1960.

Muitas vezes os próprios profissionais da música preferem ficar na informalidade, seja por não terem consciência de que são profissionais como qualquer outra catego-

ria, seja por medo de perder a gig em um mercado de trabalho difícil. “Os músicos acham que vão perder o local para tocar (quando há fiscalização), mas essas casas vivem de música”, declara o diretor administrativo do SindMusí Álan Magalhães, explicando que há lugares que não podem abrir mão do som ao vivo.

Mas o fato é que a informalidade faz o profissional ficar desprotegido. O músico deveria ser contratado por carteira de trabalho ou nota contratual.

Quando o trabalho não é formalizado de acordo com a lei, o músico perde garantias sociais como seguro por acidente de trabalho, auxílio reclusão, reabilitação profissional e até mesmo a aposentadoria, entre outras que são oferecidas aos segurados do INSS.

DJs querem regulamentação. Músicos já têm a profissão regulamentada

Enquanto muitos músicos chegam a reclamar da formalidade, outras categorias já perceberam o quanto é importante ser protegido pela lei. No jornal O Globo, no caderno Boa Chance de domingo, dia 11 de novembro, foi publicada uma reportagem sobre a luta dos DJs para regulamentar a



A equipe de fiscalização da Delegacia Regional do Trabalho foi acompanhada pelo diretor do SindMusí Álan Magalhães (terceiro da esquerda para a direita)

profissão. Na reportagem, o DJ Marcelinho da Lua declara a importância de estabelecer piso salarial e jornada de trabalho para categoria. “É uma profissão desgastante. E muita gente ainda faz jornada dupla, tocando a noite e trabalhando em outros empregos. Além disso, a aprovação do projeto seria um reconhecimento da sociedade ao nosso trabalho”, declarou o DJ ao O Globo. Será que você, músico, não reconhece esta rotina de algum lugar?

Tudo isto o que os DJs estão procurando o músico já tem. Basta a união da categoria para fazer valer os direitos e as leis que já existem. O SindMusí vem atuando pela formalização do mercado de trabalho. “Não é porque a lei é obsoleta que temos

de ignorá-la”, explica a presidente do SindMusí Déborah Cheyne. “Temos é que nos unir, mudar o que for necessário e fazer valer os nossos direitos”, finaliza.

Resultados

A consequência da fiscalização foi a constatação de que, realmente, pare dos estabelecimentos não tinha os músicos registrados por meio de nota contratual. Nestes casos, os fiscais fizeram autos de infração. As casas tiveram 10 dias para se defender e mandar os documentos que estavam faltando para a Delegacia Regional do Trabalho. Nos casos em que foram confirmadas as infrações, as casas foram multadas. “Nós já esperávamos que isto (músicos não registrados) acontecesse porque as notas contratuais não chegam na Delegacia”, comenta Márcia Jovita. “O que nós queremos não é multar, e sim ver os músicos registrados”, finaliza a fiscal.

Nota contratual

O músico e o empregador podem tirar suas dúvidas sobre nota contratual no site do SindMusí. Basta acessar o link <http://www.sindmusi.com.br/faqs/>

Centenário SindMusí / Há 68 anos

Villa-Lobos e o Canto Orfeônico

Em 1932, o presidente Vargas assinou um decreto que tornava obrigatório o ensino de canto orfeônico nas escolas. No mesmo ano, criou o Curso de Pedagogia de Música e Canto Orfeônico e o Orfeão dos Professores do Distrito Federal.

Em junho de 1940, no estádio do Vasco no Rio de Janeiro, Getúlio Vargas se prepara para uma cerimônia especial. A solenidade começa com Villa-Lobos, no gramado, comandando um grande coral de 60 mil jovens. É a espetacular exibição de Canto Orfeônico que se inicia com a “Invocação em Defesa da Pátria”, de sua autoria, e termina com formidável audição do Hino Nacional, entoado por todo o estádio.

“Villa-Lobos estava preocupado com a elevação artístico-musical do povo brasileiro. Ele acreditava que se todos estudassem música nas escolas estar-se-ia contribuindo para transformá-la numa vivência cotidiana e formando um público sensibilizado às manifestações artísticas. O compositor participou ativamente do projeto de desenvolvimento do canto orfeônico e tinha como objetivo primordial auxiliar o desenvolvimento artístico da criança e produzir adultos musicalmente alfabetizados.

O movimento do canto orfeônico ocorrido no Brasil nas décadas de 30 e 40, sob a orientação de Heitor Villa-Lobos, ainda que tenha sido bem sucedido a princípio, o projeto de disseminação de uma cultura musical através do canto em nosso país estagnou e foi praticamente esquecido.”

(Ricardo Goldemberg
Agenda do Samba e Choro
30/09/2002)



Junho de 1940. Villa-Lobos, no estádio de São Januário, comanda o grande coral juvenil de 60 mil estudantes.



A mobilização continua



A aprovação no Senado do projeto de lei (PL330/2006), que coloca a Educação Musical nos currículos escolares, foi apenas o primeiro passo.

O SindMusí, como integrante do Grupo de Articulação Parlamentar Pró Música (GAP), convida todos a conhecer a campanha Quero Educação Musical na Escola.

Acessando o site www.queroeducacaomusicalnaescola.com. Para colaborar, participe do abaixo assinado acessando <http://www.abaixoassinado.org/abaixoassinados/428>.

O sucesso da campanha depende de todos nós.



Dum Dum
Dôdo Ferreira
(DELIRA MÚSICA)

O disco de Dodô é um álbum de jazz brasileiro. As ótimas composições do baixista têm arranjos enxutos e originais. A sonoridade é muito agradável e mostra o ótimo trabalho de arranjo, execução musical, gravação e mixagem que foi realizado pela equipe do disco. O quarteto é composto por Dodô Ferreira no contrabaixo, Daniel Garcia no sax e flauta, Marco Tommaso no piano e Pedro Strasser na bateria. O CD foi gravado no Estúdio Fibra, por Marcos Vicente, em duas sessões totalmente ao vivo, com todos os músicos tocando ao mesmo tempo. As mixagens foram feitas por Alain Pierre de Magalhães e a masterização por Amaury Machado.

No encarte do CD, Dôdo Dôdo escreveu a ficha técnica e a história de cada uma das músicas, explicando a origem e o formato delas, tudo em primeira pessoa, o que ajuda a ressaltar o caráter pessoal do trabalho. Há muitas homenagens no disco, como em "Um Blues pro Seu Izeu", dedicada ao pai do pianista Marcos Ariel, dono do estúdio no qual Dôdo ensaiava, no início da década de 90. Já o tema "O Incrível Hulk" foi feito para o falecido baixista Mauricio "Hulk" Almeida.

Ao contrário do que possa parecer, este não é um disco triste. A primeira faixa, "Fazendo um Balanço", foi inspirada em uma das primeiras composições do baixista. Já "The Little Sofia's Song", uma mistura de escalas orientais com elementos da bossa nova, evoca os momentos divertidos de uma viagem a Taiwan. Um belo trabalho que vale a pena ter para ouvir sempre.



Balaio Carioca
Balaio Carioca
(UMUARAMA DISCOS)

O Balaio Carioca faz parte do movimento de valorização da música popular brasileira que acontece na Lapa. Este é o primeiro CD do grupo formado em 2004. O repertório é, predominantemente, de músicas inéditas, com sambas de autoria de seus integrantes e de outros compositores. O grupo é composto por músicos com experiências diversas na música popular, no choro, no samba, no jazz e na MPB em geral, constituindo assim um verdadeiro balaio de influências musicais. O Balaio Carioca é composto por Alexandre de la Peña (violão), Ricardo Calafate (bandolim, cavaco, guitarra), Vica Barcellos (voz), Agenor do pandeiro (percussão) e Afonso Marins (baixo acústico e elétrico).



Mares Pontiguares
Mirabô Dantas
(INDEPENDENTE)

Mirabô Dantas é um daqueles compositores que ficam desconhecidos do grande público. Com trajetória independente, só agora lança um álbum, chamado "Mares Potiguares" (o compositor é do Rio Grande do Norte). Com o CD ainda vem o livro "Umás Histórias, Outras Canções", com algumas passagens da carreira do compositor e poesias. As músicas do CD poderiam ter sido gravadas por intérpretes como Fagner, que é amigo do compositor. São 10 canções que representam a mais pura MPB com influência nordestina. O CD foi gravado no Megafone Estúdio por Jorge Lima (também o produtor do disco), Marco França, Wilberto Amaral e Eduardo Pinheiro.



Seduzir
Juçara Freire
(INDEPENDENTE)

Juçara começou a carreira profissional em 2003, tocando MPB nos shopping centers do Rio de Janeiro. Também participou de vários festivais e do programa de calouros de Raul Gil, em 2005. "Seduzir" é o primeiro disco autoral da cantora.



Original do Forró
Mariano Santos
(INDEPENDENTE)

Mariano Santos é um artista popular. O disco é no estilo de bandas de forró como o Calcinha Preta. O CD foi produzido pelo maestro Chico Reys com Mariano Santos na voz, Samara Linhares nos vocais e arranjos de Lia do Semal.

Os produtos desta sessão estão à venda na sede do SindMusi.
Conheça nosso Armazém Virtual: www.SindMusi.org.br



INSTRUMENTOS MÚSICAIS

ACEITAMOS TODOS OS CARTÕES
CHEQUE PRÉ EM 12 VEZES
CREDIÁRIO EM 12 VEZES

Rua da Carioca, 25 - Centro - CEP 20050-020
Rio de Janeiro - RJ

Tel: (21) 2262-1279 / 2262-7508

E-mail: sonicsommusic.@ig.com.br

MUSICAL



CARIOCA

Instrumentos Nacionais
e Importados
Partituras Musicais

Cheques Pré - Financeira - Cartões

Rua da Carioca, 89
Centro - RJ - CEP 20 050-008

Tel: (21) 2524-6029 / 2524-6991

www.musicalcarioca.com.br
mc@musicalcarioca.com.br